

A temática dos grupos minoritários nas produções do Laboratório de Experimentações, Intensidades e Afetos

The theme of minority groups in the productions of the Experimentation, Intensity and Affection Laboratory

Marcela Pimenta Muniz^a

Eduarda Felipe^b

Matheus Marques Ferreira^b

Carina Félix da Silva^b

Patrícia Carvalho^b

Mariana Baronto Jorge^b

Resumo

Trata-se de um relato de experiência do Laboratório de Experimentações, Intensidades e Afetos na atividade “Grupos sociais minoritários: fotos e afetos” com estudantes do curso de Enfermagem. O objetivo da atividade foi propiciar a produção de conhecimento pelo sensível. Como referencial metodológico, utilizou-se a Esquizoanálise, pela elaboração de fotomontagens. Os resultados contemplaram: idosos que vivem acamados; mulheres mães de criança portadora de necessidades especiais; mulheres no universo acadêmico; pessoas adeptas ao hinduísmo e

^aDoutora em Ciências do Cuidado em Saúde pela Universidade Federal Fluminense.

Docente no Departamento de Enfermagem Materno-infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Laboratório de Experimentações, Intensidades e Afetos (LEIA) do curso de graduação em Enfermagem

^b Acadêmicos do curso de graduação da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense. Membros do Laboratório de Experimentações, Intensidades e Afetos.

Autora Correspondente: Marcela Pimenta Muniz . Rua Dr Celestino, 74, 5º andar, MEP/EEAAC/UFF. e-mail: marcelapimentamuniz@gmail.com

budismo; pessoas em situação de rua. A atividade permitiu a produção de pensamento através de sensibilidades e multiplicidade na relação da Universidade com os grupos minoritários. Concluiu-se que esse tipo de atividade se difere dos modelos acadêmicos tradicionais na saúde calcados na nosologia e, por isso, recomenda-se a fotomontagem para mais articulações da universidade com os desafios vivenciados pela sociedade para enriquecer o debate dos direitos humanos.

Palavras-chave: Minorias; Direitos Humanos; Saúde; Ensino; Fotomontagem.

Abstract

This is an experience report of the Laboratory of Experiments, Intensities and Affects about "Minority social groups: photos and affections" with students of the Nursing course. The purpose of the activity was to provide the production of knowledge by the sensitive. As a methodological reference, was used Schizoanalysis with photomontages. The results included: elderly people living in bed; women mothers of children with special needs; women in the academic universe; people adept to Hinduism and Buddhism; people in street situations. The activity allowed the production of thought through sensitivities and multiplicity in the relationship of the University with minority groups. It was concluded that this activity differs from traditional academic models of health care in nosology. It's recommended to make photomontage for more articulations of the university with the challenges lived by society to enrich the human rights debate.

Keywords: Minorities; human rights; Health; Teaching; photomontages.

Introdução

O Laboratório de Experimentações, Intensidades e Afetos (LEIA) iniciou-se em 2015, quando a coordenadora do mesmo decidiu trazer paulatinamente inspirações da esquizoanálise para as disciplinas de saúde mental do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal Fluminense. Após os primeiros

passos que foram dados dentro de disciplinas da graduação, o LEIA tem feito ofertas a estudantes de diversos períodos que se interessam pela proposta.

O projeto visa possibilitar experiências “desinteressadas” em um resultado final pragmático, tendo como objetivo a própria experimentação em si mesma.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência de uma atividade desenvolvida através do LEIA. A atividade foi de “Grupos sociais minoritários: fotos e afetos”.

Desenvolveu-se no segundo semestre de 2017 no município de Niterói, tendo os participantes contemplado a oferta da temática através de fotomontagens. Ocorreu com atividades individuais para a elaboração das fotomontagens, bem como discussão em ambiente virtual e encontro presencial do grupo para a discussão e avaliação das atividades e produções.

Parte-se de uma noção de atividades que envolvam trabalhar com sensibilidades, com modos de subjetivação, na busca de fazer da relação Universidade-território um acontecimento poético (do grego *poiesis* = criação). O projeto vai na contra-mão do saber-fazer acadêmico hegemônico, buscando articular atividades que façam interseção entre o corpo-pensamento e o corpo-sensível/afetivo dos estudantes em suas relações com o meio.

Considera-se que as imagens potencializam os modos de comunicar e afetar, fazendo vir à tona coisas que não seriam ditas em diálogos tradicionais.

Para isto, a professora coordenadora do projeto solicitou que os participantes realizassem, de modo individual, uma fotomontagem produzida a partir de seus corpos sensíveis a respeito da temática dos grupos minoritários.

Considera-se aqui a idéia de grupo minoritário, com base no referencial da esquizoanálise, não como uma entidade que encontra-se em menor quantidade na população, mas sim como um grupo que tem sua liberdade interrompida ou que é excluído e silenciado pela sociedade de modo geral devido a seus modos existenciais contra-hegemônicos¹.

Cada participante do projeto escolheu um tipo de grupo minoritário e experimentou o contato com este tema a partir de fotomontagens e de escritos que surgiram a partir do encontro corpo sensível-corpo pensamento.

Resultados

Um membro do projeto escolheu registrar em imagens e palavras seu olhar-afeto ao grupo "idoso acamado". Convive com sua avó que é portadora de Alzheimer. Ela encontra-se com fratura no fêmur e por isto está acamada. Sua avó lhe diz que a a cama é como uma prisão para ela, pois gosta de fazer suas atividades de vida diária sozinha e em sua atual situação está sem autonomia para isto. Este estudante perguntou, então, a sua avó, sobre como ela se lembrava do mundo, pois não sai da cama a aproximadamente um ano. Ela falou sobre o local onde foi criada (bairro de Jurujuba no município de Niterói) e que seu mundo girava em torno de boas paisagens de praia. O estudante, então, fez sua primeira fotografia desta contextualização (imagem 1).

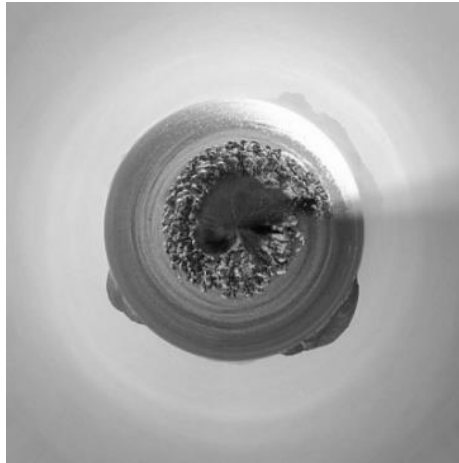
Imagem 1. Fotografia da praia de Jurujuba



Fonte: arquivo de um dos autores deste artigo.

A partir da fotografia acima, de forma digital, o estudante a transformou em uma fotomontagem que remete ao que sua avó falou sobre um mundo colorido e de ótimas paisagens.

Imagem 2: Fotografia com efeito de fotomontagem digital.



Fonte: arquivo de um dos autores deste artigo.

Em seguida, após perguntar para sua avó sobre como ela via seu mundo atualmente, ela respondeu que não é mais tão colorido, que já não vê mais o Sol e que da janela de seu quarto só consegue ver prédios. A imagem a seguir é o registro da visão do quarto de sua avó em direção à rua.

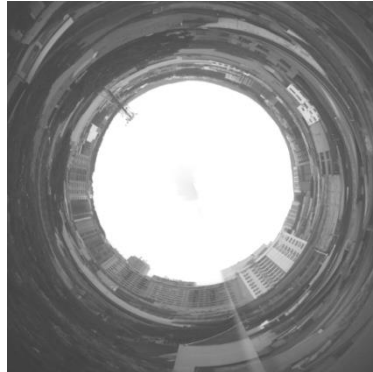
Imagem 3: Fotografia de prédios e paisagem, a partir do quarto.



Fonte: arquivo de um dos autores deste artigo.

Articulou esta fotografia à idéia de prisão a que sua avó remeteu e ao seu corpo sensível que gerou uma percepção de cela de prisão sem cores. A partir disto, digitalmente, gerou a seguinte fotomontagem.

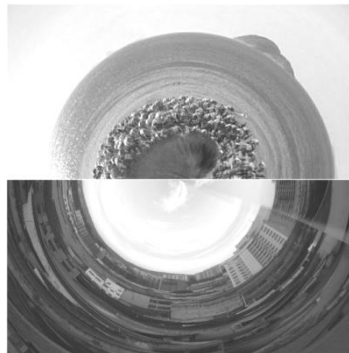
Imagem 4: Fotografia com efeito de fotomontagem digital.



Fonte: arquivo de um dos autores deste artigo.

Como o quadro biopsicossocial de sua avó faz com que sua memória oscile entre lembrar-se e esquecer-se das experiências do passado, o estudante desejou criar uma fotomontagem que conjuga o passado de sua avó (de quando vivia perto da praia de Jurujuba) com o momento atual dela (restrita a uma paisagem de prédio vista de sua cama). Esta fotomontagem foi produzida por ele, intencionalmente, com uma perspectiva de um olho mágico que remete ao possível olhar de sua avó a respeito deste contexto.

Imagem 5: Efeito de fotomontagem digital: “olho mágico passado-presente”.



Fonte: arquivo de um dos autores deste artigo.

A partir de suas fotomontagens, o estudante fez um registro escrito em forma de poesia intitulada “Autor do Tempo”.

Autor do Tempo

Eu sabia
Que a vida tem pressa
Que o mundo se apressa
Em provar que é capaz

Eu não sabia
Do poder que uma lembrança
Carregada de sentimentos
Tem em renovar a esperança

Eu sei
Que dentro de uma liberdade
Ninguém está totalmente livre
De repentinamente ser privado

Eu não sabia
Que em questão de semanas
Um mundo colorido
Pode ser trancado
Em um porão esquecido

Eu sei
Há em cada vivência
Sempre uma nova experiência
Que se eternizada na consciência

Eu saberei
Que não é culpa dela
Nas vezes em que me olhar
Por muito se esforçar
E ainda sim de nada lembrar

Eu saberei
Que o amor transcende o tempo
Que o amor supera o esquecimento
Que em algum lugar lá dentro
De mim ela irá se lembrar

Eu sei
Que o autor do tempo
No seu devido momento
Encaixará todas as peças
E terminará esse sofrimento
(Escrito por estudante do LEIA – um dos autores deste artigo)

Uma estudante que participou desta experiência escolheu como grupo minoritário “mulheres mães de criança portadora de deficiência”. Sua fotomontagem foi construída a partir de imagens públicas disponibilizadas e localizadas através da *web*.

Imagem 6: Efeito de fotomontagem digital.

Fonte: arquivo de um dos autores deste artigo.

Quanto à relatividade do sensível, ela pôde notar que a subjetividade teve ligação direta com a escolha de cada participante pelo seu grupo minoritário. Como as experiências em campo de trabalho e cotidiano foram referenciais para o desenvolvimento do material, esta participante logo teve um *insight* de uma ideia de realizar esta experiência tendo como foco crianças com necessidades especiais/déficit de socialização e suas respectivas mães, pois é um assunto que desperta nela muito interesse desde o início da graduação.

De modo escrito, ela buscou frisar que, dentro deste grupo minoritário por ela escolhido, há diversos bloqueios sociais com a questão educacional e de integração. Pontua que estes bloqueios podem ser refletidos no papel social que o sistema enquadra tanto o portador do autismo quanto a sua mãe que sofre violentamente com a reclusão. A participante chama atenção para o fato de que a caracterização do autismo como uma “deficiência” revela que os parâmetros de normalidade podem ser severamente excludentes ao passo que não se considera a diversidade da comunicação humana.

Outra estudante participante deste projeto escolheu como grupo minoritário na sociedade as mulheres no universo acadêmico. A imagem retrata as mulheres que foram contempladas com o prêmio Nobel de Física, comparando aos demais ganhadores desta premiação (do sexo masculino, quase em sua totalidade).

Imagem 7: Únicas 02 mulheres ganhadoras do Nobel de Física

. **Fonte:** arquivo de um dos autores deste artigo.

Esta estudante destacou que, apesar de atualmente no Brasil a maioria da população universitária ser feminina, ainda existem diversos preconceitos e barreiras que as mulheres enfrentam mundialmente ao seguir a carreira científica. Quando o campo analisado é o das ciências exatas, a predominância masculina se torna ainda mais evidente.

Diversos fatores influenciam nessa situação, que começa a se formar durante a infância, quando as meninas recebem menos estímulo ao comportamento curioso e experimentador em comparação aos meninos.

Durante o período de estudos, as mulheres sofrem uma profunda pressão para equilibrar a vida acadêmica e o cuidado com a família, encontrando obstáculos até no cumprimento de benefícios que deveriam ser básicos, como a licença maternidade.

Enquanto mulher inserida no meio acadêmico, a estudante se sensibiliza com o fato de que, quando as mulheres conseguem superar todas as dificuldades inerentes a este grupo e desenvolver uma pesquisa relevante, ainda há a possibilidade de seu nome ser apagado da história e o prêmio ser entregue apenas aos membros de pesquisa do sexo masculino, como já aconteceu na história do Nobel. Sendo assim, é no mínimo uma infâmia constatar que na premiação científica dessa magnitude, em mais de cem anos de prêmios de física, apenas duas mulheres foram contempladas, tendo sido a última premiação a quase 50 anos atrás. É inviável não perceber que ainda falta muito para a mulher garantir seu lugar nos diversos espaços da sociedade.

A partir da imagem que representa a disparidade da premiação do Nobel de Física com apenas 2 mulheres tendo sido contempladas nas últimos 100 anos, a estudante confeccionou um poema.

Mulher em seu lugar

Em toda mulher há
Belezas, capacidades, talentos mil
Apenas esperando aflorar
Mas como poderia ela
Florescer sem da muda cuidar?
Sem água, sem sol ou adubo
A semente não vingará
E a mulher, sem incentivo ou espaço
Fica difícil de se destacar!
Árduo é o caminho, longa também a jornada
Um mar de preconceitos para superar
No terreno dos números então
São poucas as oportunidades de entrar
Mas assim como em qualquer área
Bastando querer, esse pode ser o seu lugar!
Escrito por um autor para este projeto
(Escrito por estudante do LEIA – uma das autoras deste artigo)

Mais uma estudante escolheu como perspectiva de grupo minoritário as mulheres, porém, especificou o grupo de mulheres negras.

Imagem 8: Efeito de fotomontagem digital.



Fonte: arquivo de um dos autores deste artigo.

A estudante trouxe em destaque, na parte superior esquerda de sua fotomontagem, a artista americana Viola Davis por esta ter sido a primeira mulher negra a ganhar o Oscar (prêmio do cinema mundial de maior prestígio que uma artista pode ter em sua carreira) e porque, enquanto mulher negra, esta estudante

buscou reforçar que estas mulheres devem ter os mesmos direitos que as demais pessoas, inclusive a ocupação de posições de visibilidade pública na mídia.

Sendo ela mesma uma mulher negra, a estudante, desejou destacar que independentemente do gênero ou da etnia, este grupo de pessoas pode voar como águia e alcançar lugares altos.

Outra estudante que participou desta experiência escolheu como foco, as pessoas em situação de rua, de perda de valor e necessitadas de humanização.

Imagem 9: Efeito de fotomontagem digital.



Fonte: arquivo de um dos autores deste artigo.

A professora destacou que é significativa a mensagem trazida pela imagem do homem olhando para um espelho mendigando algo a ele mesmo (na parte inferior esquerda da fotomontagem acima). A miséria vivenciada hoje não está só no âmbito da relação com o outro, mas consigo também. Questiona-se: como uma pessoa pode preocupar-se ou disponibilizar-se a ajudar a alguém se o próprio indivíduo viver em pobreza de sentidos e princípios? Como imprimir solidariedade no cotidiano se houver egoísmo com o coletivo?

A estudante que produziu a fotomontagem acima explicitada aponta que o desafio na interação das imagens ela que uniu, teve como objetivo proporcionar um olhar crítico tanto para o atual comportamento social quanto ao individual e sua pobreza de princípios; comportamento esse que diversas vezes faz com que moradores de rua sejam entendidos como objetos quebrados, sem remendo, destinados ao lixo e exclusão.

Esta participante pontua que, em solo capitalista, a mentalidade de muitos pode ter sido passivamente convencida de que só tem valor quem pode lhe oferecer algo. E essas pessoas desfavorecidas quase desaparecem, ainda em vida. Seu

pedido por um prato de comida faz sãos tornarem-se surdos. Tais indivíduos ficam restringidos a um borrão na visão periférica, até que se afaste cada vez mais deste “borrão”, dando passos largos e, enfim, sumam até de qualquer campo de visão.

A estudante destaca que, com esta fotomontagem, buscou alertar para a necessidade do leitor despertar e olhar diretamente ao alvo, encarando a realidade, “desembaçando” o espelho, vendo no outro a si mesmo. Ao ser diminuído o desejo de não sofrer ao enxergar a calamidade do outro, este sofrimento gerado pela empatia torna-se matéria-prima para criar soluções solidárias e medidas de cuidado.

Ao olhar as fotomontagens produzidas pelos demais membros deste grupo, esta participante percebeu que, nos seus mais diversos temas de grupos minoritários, o que mais lhe chamou a atenção foi a importância de se voltar o olhar para a empatia e subjetividade das pessoas.

A partir de sua fotomontagem, a estudante realizou também um registro em forma de poesia sobre o que ela chama de empatia aos necessitados, perda de valores e moradores de rua.

Nas esquinas, inesperados encontros
Nos olhares, o desencontro
de alma, de empatia.
"Me dê um prato de comida?"
"Não dá, estou com pressa. Mas tenha um bom dia!"

Nos lares, cachorro vira criança
Luxo, lixo
Será que ainda arde esperança
no coração de alguém que se sente menos que um bicho?

As mãos do invisível, frias
A barriga vazia
Esperando o alimento físico
o afeto, a empatia...

No espelho do outro, vejo a mim
minha mãe, meu pai... Vejo a ti!
Lide com o outro, veja quem você é.
Não seria mais inteligente
tratar realmente como gente
todo aquele nascido de mulher?
(Escrito por estudante do LEIA – uma das autoras deste artigo)

A professora coordenadora do projeto também realizou a atividade. O grupo minoritário escolhido por ela foram as pessoas adeptas ao hinduísmo e budismo.

Imagem 10: Imagens religiosas.



Fonte: arquivo de um dos autores deste artigo.

Destacou-se a reflexão a respeito da hegemonia do catolicismo no Brasil. A existência de múltiplas religiões no país é fruto de sua miscigenação, bem como o aumento da internacionalização dos conhecimentos sobre espiritualidade, seja devido à informática avançada, seja devido à presença e aumento de casas ou templos de diferentes religiões.

Esta multiplicidade de religiões vem a representar o quanto o ser humano possui uma singularidade que não pode ser abafada por regras em todos os aspectos de sua vida. Por exemplo, a espiritualidade é um aspecto no qual se vê absolutamente o exercício do humano enquanto ser subjetivo, histórico, possuidor de sentidos, capaz de definir seus princípios para utilizar a religião a favor do respeito às diferenças e não para a discriminação ou segregação das religiões orientais e demais vertentes não cristãs.

Discussão

Este projeto gira em torno da questão da subjetividade, multiplicidade, singularidade e seus impasses cotidianos. Desta forma, faz-se a opção por autores que abordem a subjetividade fora do âmbito da identidade e da representação; a

inclinação para referenciais teórico-filosóficos da Esquizoanálise, sobretudo, com ênfase na perspectiva ético-estética².

A palavra “estética” não depende de uma distinção no interior nas maneiras de fazer, mas pela distinção de um modo de ser específico. O regime estético das artes a desobriga de regras ou hierarquia de gêneros, afirmando-se a singularidade, a autonomia da arte e o enfraquecimento dos critérios pragmáticos².

Ao invés de tomar o corpo como um universal, recorre-se ao conceito de “corpo-sem órgãos” proposto pela esquizoanálise. A tarefa do corpo sem órgãos (CsO) será se opor às estratificações que, a todo momento, são modeladas no processo de docilização dos corpos¹. O CsO permite resistir, criar, inventar linhas de fuga em relação aos processos de docilização³.

O CsO guarda relação com a noção de desejo (noção deleuziana e não psicanalítica): não o desejo que remete à falta, mas o desejo enquanto potência, produção. Esta produção ocorre nos encontros (mesmo que seja um encontro solitário), nos encontros entre os corpos. Não apenas corpos humanos, mas de linguagens, saberes e percepções. Desses encontros é que surgem os afetos, intensidades ou forças desejantes¹.

Por isso, este relato de experiências demonstra que pode ser valiosa a aposta em realizar a articulação da universidade com a sociedade através de modos até então invisibilizados pelas normas e padronizações. A fotomontagem permitiu a juntura de elementos da sociedade que não pode ocorrer de forma tradicional. Esta estratégia dá visibilidade a aspectos “invisíveis”, inclusive para a própria população em geral.

Ao utilizar a fundamentação teórica da equizoanálise sobre as noções de poder e de modos de subjetivação foucaultianas, permitiu-se pensar a existência do grupo minoritário com o uso da produção de imagens como campo de lutas bem como “*os processos de subjetivação como jogos de produção de verdade e de experiência de si*”^{4:35}.

Com isso, destacam-se

as contribuições que a esquizoanálise tem oferecido em inúmeros campos, além do “psi”, fornecendo novo fôlego para movimentos minoritários revolucionários, produções artísticas

"menores", além de todo tipo de esforços criativos transversais para apreender não mais o "objeto linear", mas os fenômenos complexos que ultrapassam os limites do "dado" e vibram, afetam, dinamizam a vida na forma de intensidades^{5:486}.

Conclusões

Esse tipo de interferências extensionistas com experimentações do encontro norteado pela singularidade dos indivíduos se difere dos modelos acadêmicos tradicionais na saúde calcados na nosologia e na lógica das especialidades. As ações deste projeto de extensão permitiram propiciar o autoconhecimento e a autorrealização dos participantes com ênfase nas histórias de vida; estimular a produção de alteridades na cotidianidade; proporcionar um mapeamento de seus afetos; trabalhar a ideia de pertencimento ao território visando à compreensão da importância da vida em comum.

Recomenda-se que o uso de fotomontagens ou outras estratégias com imagens e o emprego da esquizoanálise enquanto norteador teórico sejam possibilidades a serem consideradas e valorizadas para outras futuras práticas de articulação da universidade com os temas da cotidianidade e desafios vivenciados pela sociedade com vista a contribuições para o debate dos direitos humanos.

Referências

1. Deleuze G, Guattari F. Mil platôs. 2ª ed. São Paulo: Editora 34; 2012.
2. Rancière J. A partilha do sensível: estética e política. 2ª ed. São Paulo: Editora 34; 2014.
3. Foucault M. Microfísica do poder. 15ª ed. Rio de Janeiro: Graal; 2000.
4. Maurense V, Tittoni J. Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. *Psicol. Soc.* 2007; 19(3): 33-38.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000300006&lng=en&nrm=iso

5. Parpinelli RS, Souza EWF. Pensando os fenômenos psicológicos: um ensaio esquizoanalítico. *Psicol. estud.* 2005; 10(3): 479-487. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000300016&lng=en&nrm=iso